

## VIOLÊNCIA EM O MORTO NA SALA: REFLEXÕES SOBRE A OBRA DE DALTON TREVISAN

Juliana Ramos Santiago\*

Patricia Margarida Farias Coelho\*\*

### RESUMO

A violência tem sido um tema constantemente explorado em variadas produções literárias brasileiras e há notadamente diversos registros de violência de natureza psicológica, sexual, patrimonial e moral associados aos comportamentos próprios de uma sociedade violenta. A literatura de Dalton Trevisan (1925-2024) denuncia de modo bastante incisivo a violência que ocorre nos ambientes doméstico, familiar ou privados que talvez seja tão ou mais cruel do que aquela que acontece nas ruas. Temos como hipótese que a literatura de Dalton Trevisan (1925-2024), desempenha um papel crucial na formação do pensamento social sobre a violência. Ao abordar as complexas relações de poder e conflito no ambiente doméstico e familiar, o autor não apenas reflete as dinâmicas sociais de violência, mas também contribui para a compreensão das motivações e das dimensões sociais dessa violência na realidade brasileira. Como objetivos temos, a saber: (i) analisar as manifestações da violência na Curitiba de Dalton Trevisan, no conto *O Morto na Sala*, de Dalton Trevisan, identificando as situações de conflito nas relações interpessoais das personagens; (ii) interpretar o conto de Trevisan como uma expressão consciente da denúncia das violências subjacentes ao pensamento social brasileiro, considerando-os também como testemunhos de um período em que a violência no âmbito familiar não era debatida de forma tão ampla quanto é hoje. O corpus selecionado para este artigo é o conto *O Morto na Sala*, do livro *Novelas nada exemplares* (1956). A escolha do autor e de sua obra justifica-se pela abordagem singular que ele faz sobre a condição humana, utilizando uma escrita densa e provocativa que explora temas como afetividade, violência, miséria e outros, de maneira impactante e profunda. O arcabouço teórico que sustenta esse trabalho são: Berta Waldman (1982; 2009; 2014), Miguel Sanches Neto (1996), a Lei 11.340 para empreender a leitura e análise dos contos de Trevisan, buscando compreender como as situações violentas expressas nos contos são tematizadas por meio das categorias legais e institucionais, bem como verificando o modo como o discurso literário materializa essas situações nos contos selecionados. Dessa forma, os resultados obtidos evidenciam que a violência se configura como um reflexo da visão de mundo de uma sociedade historicamente marcada pela violência, que normaliza e minimiza seus impactos, tornando-a uma prática cotidiana.

**Palavras-chave:** Violência. Literatura. Contos.

<sup>1</sup> Mestra em Ciências Humanas pelo Programa de Ciências Humanas - Sociedade, Cultura e Linguagem, da Universidade Santo Amaro (UNISA). Graduada em Letras Português- Inglês e Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8712-2141>. E-mail: [julianasantiago@educa.santos.sp.gov.br](mailto:julianasantiago@educa.santos.sp.gov.br);

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP - Coordenadora de Relações Internacionais da Universidade Brasil; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1662-1173>. E-mail: [patricia.coelho@ub.edu.br](mailto:patricia.coelho@ub.edu.br).

## VIOLENCE IN THE DEAD MAN IN THE ROOM: REFLECTIONS ON THE WORK OF DALTON TREVISAN

### ABSTRACT

Violence has been a recurring theme in various Brazilian literary works, with notable records of psychological, sexual, property, and moral violence associated with the behaviors of a violent society. Dalton Trevisan's (1925-2024) literature incisively denounces the violence that occurs in domestic, familial, or private spaces, which may be as cruel, if not more so, than the violence that takes place in the streets. Our hypothesis is that Dalton Trevisan's (1925-2024) literature plays a crucial role in shaping social thought about violence. By addressing the complex power dynamics and conflicts within the domestic and familial environment, the author not only reflects the social dynamics of violence but also contributes to the understanding of its motivations and social dimensions within the Brazilian reality. The objectives of this study are: (i) to analyze the manifestations of violence in Dalton Trevisan's Curitiba in the short story *The Dead Man in the Room*, identifying the conflict situations in the interpersonal relationships of the characters; (ii) to interpret Trevisan's story as a conscious expression of the denunciation of the violences underlying Brazilian social thought, considering them also as testimonies of a time when domestic violence was not as widely discussed as it is today. The selected corpus for this article is the short story *The Dead Man in the Room*, from the book *Nothing Exemplary Novels* (1956). The choice of the author and his work is justified by his unique approach to the human condition, using dense and provocative writing that explores themes such as affection, violence, poverty, and others in a profound and impactful way. The theoretical framework supporting this work includes: Berta Waldman (1982; 2009; 2014), Miguel Sanches Neto (1996), and Law 11.340, to conduct the reading and analysis of Trevisan's short stories, aiming to understand how the violent situations expressed in the stories are framed through legal and institutional categories, while also examining how literary discourse materializes these situations in the selected short stories. Thus, the results obtained show that violence is a reflection of a worldview in a society historically marked by violence, which normalizes and minimizes its impacts, making it a daily practice.

**Keywords:** Violenc. Literature. Short Stories.

## VIOLENCIA EN EL MUERTO EN LA HABITACIÓN: REFLEXIONES SOBRE LA OBRA DE DALTON TREVISAN

### RESUMEN

La violencia ha sido un tema constantemente explorado en diversas obras literarias brasileñas, y existen relatos notablemente diversos de violencia psicológica, sexual, patrimonial y moral asociados a los comportamientos típicos de una sociedad violenta. La literatura de Dalton Trevisan (1925-2024) denuncia con incisividad la violencia que ocurre en el ámbito doméstico, familiar o privado, la cual es quizás tan cruel, si no más, que la que ocurre en las calles. Nuestra hipótesis es que la literatura de Dalton Trevisan (1925-2024) desempeña un papel crucial en la formación del pensamiento social sobre la violencia. Al abordar las complejas relaciones de poder y conflicto en el ámbito doméstico y familiar, el autor no solo refleja la dinámica social de la violencia, sino que también contribuye a la comprensión de las motivaciones y las dimensiones sociales de esta violencia en la realidad brasileña. Nuestros objetivos son: (i) analizar las manifestaciones de violencia en Curitiba, de Dalton Trevisan, en el cuento "El Muerto en la Habitación", identificando las situaciones conflictivas en las relaciones interpersonales de los personajes; (ii) interpretar el cuento de Trevisan como una expresión consciente de la denuncia de la violencia subyacente al pensamiento social brasileño, considerándolo también como testimonio de una época en la que la violencia familiar no se debatía tan ampliamente como en la actualidad. El corpus seleccionado para este artículo es el cuento "El Muerto en la Habitación", del libro "Novelas Nada Exemplares" (1956). La elección del autor y su obra se justifica por su singular aproximación a la condición humana, con una escritura densa y provocadora que explora temas como el afecto, la violencia, la pobreza, entre otros, de forma impactante y profunda. O arcabouço teórico que sustenta esse trabalho são: Berta Waldman (1982; 2009; 2014), Miguel Sanches Neto (1996), a Lei 11.340 para empreender a leitura e análise dos contos de Trevisan, buscando compreender como as situações violentas expressas nos contos são tematizadas por meio das categorias legais e institucionais, bem como verificando o modo como o discurso literário materializa essas situações nos contos selecionados. Dessa forma, os resultados obtidos evidenciam que a violência se configura como um reflexo da visão de mundo de uma sociedade historicamente marcada pela violência, que normaliza e minimiza seus impactos, tornando-a uma prática cotidiana. Palavras-chave: Violência. Literatura. Contos.

## 1 INTRODUÇÃO

A violência, em suas diversas formas, tem sido um tema recorrente nas produções literárias brasileiras, especialmente no que diz respeito às suas manifestações psicológicas, sexuais, patrimoniais e morais. Em um contexto social marcado por relações de poder assimétricas e conflitos interpessoais intensos, a literatura se torna uma ferramenta importante para refletir sobre essas questões. Muitos escritores têm se dedicado a retratar a violência de maneira explícita ou simbólica, abordando as dinâmicas de uma sociedade que frequentemente naturaliza a agressão em suas múltiplas expressões. É nesse contexto que a obra de Dalton Trevisan (1925-2024) se destaca, especialmente por sua abordagem incisiva das violências que acontecem no âmbito privado, como no ambiente doméstico e familiar.

A literatura de Dalton Trevisan denuncia, de maneira aguda e crítica, a violência oculta nos espaços mais íntimos da sociedade. Suas narrativas exploram relações de poder que se estabelecem no contexto familiar e privado, muitas vezes mais cruéis do que as violências visíveis que ocorrem nas ruas. O autor utiliza de uma escrita densa e provocativa, voltada para o lado sombrio das relações humanas, no qual a violência, seja física ou psicológica, se insere como parte da rotina de seus personagens. Ao abordar essas temáticas, Trevisan não apenas retrata as dinâmicas sociais, mas também denuncia as estruturas de poder que sustentam essas práticas de violência, contribuindo para uma reflexão crítica sobre o impacto dessas relações na formação do pensamento social brasileiro.

Jaime Ginzburg destaca que a violência não é uma novidade na história do Brasil. Ao contrário, ao se observar o processo histórico do país, percebe-se que grande parte da formação social brasileira está profundamente marcada por experiências violentas: “A violência não é fato novo no Brasil. Pelo contrário, a contextualização histórica permite verificar como, em larga medida, nossa formação social está associada a experiências violentas” (Ginzburg, 2000, p. 278).

Neste estudo, propomos investigar o papel da literatura de Dalton Trevisan na construção do pensamento social sobre a violência, com foco nas complexas relações de poder e conflito que ele aborda em suas obras. A hipótese central é que os contos de Trevisan desempenham um papel crucial na conscientização e compreensão das motivações e das dimensões sociais da violência no Brasil. Através da análise de seu trabalho, é possível perceber como ele vai além de uma mera representação da realidade, sendo também uma denúncia das violências subjacentes às relações de poder que permeiam a sociedade brasileira.

Para testar essa hipótese, o estudo propõe três objetivos principais: o primeiro é analisar as manifestações de violência no conto *O Morto na Sala*, presente no livro *Novelas nada exemplares* (1956), identificando as situações de conflito nas relações interpessoais das personagens. O segundo objetivo consiste em interpretar o conto de Trevisan como uma expressão consciente da denúncia das violências subjacentes ao pensamento social brasileiro, especialmente considerando o contexto histórico em que foram produzidos, quando a violência doméstica ainda não era discutida de forma ampla pela sociedade.

A escolha do autor e da obra para este estudo se justifica pela maneira singular como Dalton Trevisan aborda a condição humana, especialmente suas inquietações mais sombrias. Sua escrita, muitas vezes crua e impiedosa, mergulha nas complexidades das relações afetivas, na violência emocional e nas tensões sociais, temas que o autor trata com uma profundidade que desafia o leitor. A análise do conto *O Morto na Sala* dentro do contexto do livro *Novelas nada exemplares* (1956) é central para entender como Trevisan explora as nuances da violência em seus múltiplos aspectos, muitas vezes imersos em uma atmosfera de silêncio e repressão.

O arcabouço teórico que orienta essa análise está fundamentado nas contribuições de estudiosos como Berta Waldman (1982, 2009, 2014) e Miguel Sanches Neto (1996), bem como na Lei 11.340, que trata da violência doméstica no Brasil. A partir dessas referências, buscamos compreender como a violência é tematizada nos contos de Trevisan, considerando tanto as categorias legais e institucionais, como também o modo como o discurso literário materializa essas situações. Esse enfoque teórico permitirá uma análise crítica das representações da violência na obra de Trevisan, destacando a relação entre o texto literário e a realidade social brasileira.

Os resultados obtidos desta pesquisa indicam que a violência, tal como é representada na obra de Dalton Trevisan, não é apenas uma expressão do comportamento individual, mas reflete uma visão de mundo compartilhada por uma sociedade marcada pela normalização da violência. Em sua obra, Trevisan revela uma sociedade que, ao minimiza os impactos da violência, torna-a uma prática cotidiana, tanto nas relações familiares quanto na estrutura social em geral. Assim, seus contos não apenas narram situações de agressão, mas também provocam uma reflexão crítica sobre a forma como essas violências são internalizadas e muitas vezes invisibilizadas na sociedade brasileira.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo é de abordagem mista, combinando análise literária com a interpretação de documentos legais e institucionais. O estudo se fundamenta em um arcabouço teórico robusto, sustentado pelas obras de Berta Waldman (1982; 2009; 2014) e Miguel Sanches Neto (1996), além da análise da Lei 11.340, que orienta o estudo das questões relacionadas à violência de gênero. A pesquisa se propõe a investigar como as situações violentas presentes nos contos de Trevisan são tratadas, utilizando as categorias legais e institucionais como ferramentas para entender como a violência é tematizada na literatura. Além disso, busca-se examinar como o discurso literário materializa essas situações, observando o modo como os aspectos jurídicos e sociais da violência são incorporados nas narrativas, proporcionando uma compreensão mais profunda da interseção entre literatura, direito e violência.

## 3 DALTON TREVISAN E A CURITIBA VIOLENTA: PODER E CONFLITOS NAS SUAS NARRATIVAS

Dalton Trevisan, renomado escritor brasileiro de contos urbanos, escolhe a cidade de Curitiba como cenário para suas histórias. Conforme Waldman (2014, p.27), “o que Dalton faz não é apenas descrever Curitiba e o mundo cão que nela floresce, mas também negá-la por meio de leis de organização que

não são mais as que regulam a opressão do reino da necessidade social”. Ao subverter as convenções do espaço urbano, Trevisan não apenas cria uma representação literária da cidade, mas a transforma em um símbolo das contradições e das tensões de uma sociedade urbana desolada.

Curitiba, a cidade longe de ser um reflexo idealizado de modernidade ou progresso, é um cenário de desilusão, onde as relações humanas são marcadas pelo isolamento, pela violência e pela indiferença. Como observa Waldman (2014), as leis que regem o comportamento social em Trevisan são cruéis e implacáveis, desafiando os padrões de solidariedade e convivência, e transformando os indivíduos em meras peças de um jogo impessoal e desumanizado. Em sua narrativa, Curitiba torna-se uma alegoria do “mundo cão”, onde o ser humano, longe de encontrar apoio, se vê cada vez mais perdido em um labirinto de necessidades, frustrações e desesperança.

Vivendo de forma reclusa, Trevisan retrata uma Curitiba que emerge de seus contos de maneira semelhante ao Nordeste de Graciliano Ramos ou ao Sertão de Guimarães Rosa (Waldman, 2014, p. 22). Em obras, como *Em Busca da Curitiba Perdida*, o autor expõe, sem filtros, a realidade crua e nua da periferia curitibana, fazendo um contundente manifesto literário. “Parece que a dimensão cultural da cidade é dissolvida num desmesurado ambiente natural, formado pela noite, o frio, a chuva, a lama, a neve, o vento, a escuridão. Tudo cuspidado do universo da técnica”. (Candido, 2004, p. 79).

Curitiba que não tem pinheiros, esta Curitiba eu viajo. Curitiba, onde o céu azul não é azul. Curitiba que viajo. Não a Curitiba para inglês ver, Curitiba me viaja. Curitiba cedo chegam as carrocinhas com as polacas de lenço colorido na cabeça – galiii-nha-óóóvos – não é a protofonia do Guarani? Um aluno de avental branco discursa para a estátua do Tiradentes. Viajo Curitiba dos conquistadores de coco e bengalina na esquina da Escola Normal [...] (Trevisan, 1979, p. 84).

A escrita de Trevisan, muitas vezes, desafia os leitores a refletirem sobre a natureza da violência e suas implicações. Suas histórias podem apresentar personagens moralmente dúbios, nos quais a linha entre vítima e agressor se torna míope. Isso contribui para a complexidade do diálogo em torno da violência, levantando questões sobre responsabilidade, justiça e as motivações por trás dos atos de violência. Segundo a análise do crítico literário Miguel Sanches Neto, os textos de Dalton Trevisan se distanciam da concepção tradicional do conto, estabelecendo uma forma de expressão pessoal que desafia os padrões da crítica (Sanches Neto, 1996, p.40).

Os trabalhos de Dalton Trevisan exploram a presença da violência em várias facetas da vida. Essa violência se manifesta nas relações familiares, na vida na classe média de uma cidade do interior, nos conflitos conjugais, nas humilhações enfrentadas pelos homens nas ruas, nas obsessões relacionadas à sexualidade desintegrada e até mesmo na profunda miséria que permeia a sociedade. De acordo com Waldman (2015), os livros de Trevisan são sempre uma representação exagerada da encenação da violência. Trevisan revela o mal que é inerente ao ser humano e que também está enraizado na história da humanidade. Suas obras também expõem uma sociedade conservadora que alega seguir valores cristãos, mas que se mostra cruel e desumana, principalmente nos ambientes domésticos, longe do escrutínio social.

No livro *Novelas nada exemplares* (1959), que marca a estreia de Dalton Trevisan no circuito comercial, o autor aborda de maneira profunda a estranheza presente nos relacionamentos, explorando diversas formas de violência. O título da obra revela uma ironia cuidadosamente construída, na qual Trevisan faz uma alusão inversa ao caráter moral do livro *Novelas Ejemplares* (1613) de Miguel de Cervantes. Enquanto a obra de Cervantes é conhecida por transmitir bons exemplos e valores morais, a escolha irônica de Trevisan ressalta sua intenção de expor a imoralidade doméstica que permeia uma sociedade que se proclama publicamente como moralista. Nesse sentido, Dalton Trevisan desnuda os véus da hipocrisia, revelando as contradições e os horrores ocultos por trás da fachada moral dessa sociedade brasileira (Sanches Neto, 1996).

### **O MORTO NA SALA : DENÚNCIA DAS VIOLÊNCIAS FAMILIARES**

Na narrativa *O morto na sala* (1959), é apresentado um intenso drama envolvendo o marido, a esposa e Ivete, uma filha de treze anos. O pai, já aposentado como caixeiro-viajante e debilitado em saúde, é retratado como uma figura dominadora e abusiva, atormentando constantemente sua esposa e filha com insultos cruéis: “Ela e a mãe prisioneiras do hóspede”. “A mãe, entre os dois, comia de olhos baixos” (Trevisan, 1965, p. 23). O comportamento opressor do homem, que parece não apenas fisicamente ausente, mas também emocionalmente distante e descontrolado, reflete a desintegração da unidade familiar sob a violência verbal e psicológica.

No conto, as atitudes dos personagens estão enraizadas na tradição familiar. Um homem manifesta seu poder, aceito pela filha Ivete, criando uma dinâmica sem surpresas. Contudo, esse homem torna-se um agressor ao infligir suas maldades, utilizando sua autoridade para expressar desejos inaceitáveis e enxergando a menina como um prêmio a ser conquistado. De maneira brutal, ele ultrapassa os limites impostos pela tradição e age com crueldade, servindo-se de sua posição de pai para satisfazer suas vontades e torturar Ivete. Somente após a morte desse pai, a filha acaba por reproduzir o ciclo de violência e crueldade que sofreu nas mãos de seu opressor.

Este conto retrata o tormento familiar que a jovem Ivete enfrentava ao lado de seu pai. A morte dele desperta nela um desejo de vingança, um impulso que, embora ainda vívido em sua memória, intensifica seu sofrimento. Esse desejo de retaliação não pôde ser concretizado enquanto ele estava vivo. No clímax da narrativa, a atitude de Ivete durante o velório, ao se aproximar do caixão, ilustra a violência que permeia seu corpo: “Ergueu-lhe a manga e, afastadas as contas negras do rosário, encostou a ponta do cigarro na mão do pai, queimando-a bem devagar” (Trevisan, 1965, p. 24). Esse ato de violência revela a complexidade do sentimento de Ivete, que, ao mesmo tempo em que busca um tipo de redenção pessoal, se vê consumida pela raiva e pelo sofrimento acumulado.

A designação da atitude de Ivete se baseia no significado comum da palavra violência, mas também transcende essa definição.

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (Michaud, 2001, p. 10-11).

Como sugere Michaud (2001), a violência não se limita à esfera física, mas pode afetar também a integridade moral e simbólica dos envolvidos. Ivete, ao realizar esse gesto, não apenas inflige uma dor física ao corpo do pai, mas também expressa a violência psicológica e emocional acumulada ao longo dos anos de abuso. Sua ação simboliza um desejo de retaliação que nunca foi concretizado em vida, refletindo uma violência silenciada, que se manifesta agora, na morte, como uma tentativa de recuperar o poder perdido. Não se trata apenas de prolongar ou intensificar a violência para exercer a crueldade. Ivete demonstra uma clara compreensão do que a impulsiona em sua busca por vingança, além da descarga emocional extrema, visando eliminar seu inimigo e seu espaço.

Sua motivação se fundamenta na realidade de tudo que experimentou em sua relação familiar. Sendo uma vítima de um processo dominado pela autoridade do pai e pelo uso da força, Ivete percebe seu papel familiar como irrelevante em um momento de dor, que não consegue amenizar ou evitar. Seu ato vingativo, após controlar com precisão o tempo e o espaço para a ação cruel, revela a natureza intrinsecamente dolorosa e trágica da realidade em que vive, essencial para a manifestação e prática da crueldade, que é reconhecida como o caráter maldito da violência.

Por crueldade do real entendo, em primeiro lugar, a natureza intrinsecamente dolorosa e trágica da realidade; [...] basta-me lembrar o caráter insignificante e efêmero de toda coisa do mundo. Mas entendo também por crueldade do real o caráter único, e conseqüentemente irremediável e inapelável, desta realidade – caráter que impossibilita ao mesmo tempo de conservá-la à distância e atenuar seu rigor pelo recurso a qualquer instância que fosse exterior a ela. Cruor, de onde deriva crudelis (cruel) assim como crudus (cru, não digerido, indigesto) designa a carne escorchada e ensangüentada: ou seja, a coisa mesma privada de seus ornamentos ordinários [...]. Assim, a realidade é cruel – e indigesta – a partir do momento em que a despojamos de tudo o que não é ela para considerá-la apenas em si-mesma. [...] o que é cruel no real é de certo modo duplo, por um lado ser cruel, por outro lado ser real. [...] Parece que o mais cruel da realidade não reside em seu caráter intrinsecamente cruel, mas em seu caráter inelutável, isto é, indiscutivelmente cruel (Rosset, 1989b, p. 16-17).

A resposta tardia de Ivete, manifestada ao ferir o corpo do morto, é uma ação drástica que simboliza a crueldade. Esse gesto expõe o profundo ódio da filha e revela sua intenção de eliminar a presença do outro, ao mesmo tempo em que busca recuperar sua identidade, que foi obliterada pelo domínio do pai.

Ivete, a princípio, elabora sua vingança sob a influência das maldades do pai. Porém, ela se desvincula desse impacto e toma as medidas necessárias para a execução final de seu plano, como evidenciado pelas descrições: “Ergueu-lhe a manga [...] encostou a ponta do cigarro [...], queimando-a bem devagar” (Trevisan, 1965, p. 24). A suspensão deste ato no tempo, que se assemelha a um lamento ou a um pedido de desculpas do pai, é intensificada no momento em que Ivete retira “as contas negras do rosário”, que protegiam o corpo do mal e lhe conferiam uma aura espiritual. Contudo, o corpo do homem exposto simboliza “a coisa mesma privada de seus ornamentos ou acompanhamentos ordinários” (Rosset, 1989b, p. 17). A retirada das contas do rosário e o ato de queimar lentamente a mão do pai despojam-no não apenas de sua proteção, mas também de sua autoridade moral e paternal.

Era mais fácil morrer do que se ver livre do cadáver. O enterro seria na manhã seguinte, até lá a catinga espalhava-se furtivamente pela casa, impregnava as cortinas e entranhava-se nas unhas de Ivete (Trevisan, 1965, p. 20).

A dor desse sofrimento sem fim é suportada pela esperança de que, quando o momento certo chegar, a vingança que foi planejada se concretizará. A imagem do beijo forçado e pecaminoso do pai ofusca as agruras da convivência familiar e representa a tomada de consciência em relação à vingança, pois envolve um sofrimento intenso.

Antes de se finar, que o perdoasse e lhe desse um beijo na testa. Falava de olhos fechados, as pálpebras trêmulas. Assim que ela baixou a cabeça, agarrou-a de súbito e beijou-a perdidamente na boca. Foi pior do que a ferida do cigarro. Correu ao banheiro, lavou a boca e escovou os dentes até sangrar a gengiva (Trevisan, 1965, p. 22).

Segundo Barros (2005, p. 52), o sujeito da malevolência vive as paixões da hostilidade, da antipatia, da aversão, enquanto os sujeitos que podem reparar a falta sofrem o ódio, a cólera, a raiva ou o rancor. A figura paterna é associada a discursos de moralidade e controle, enquanto a filha é associada a discursos de transgressão e liberdade e a mãe, por sua vez, é figura ausente.

A mãe, entre os dois, comia de olhos baixos; Vá cobrir essas pernas. Ainda se fossem bonitas! ... acusava a mulher de mil amantes (Trevisan, 1965, p. 24).

O elo entre pai e filha, a mediação entre eles, quase não aparece, está oculto, o que favorece a confusão entre ela e Ivete, sobretudo na subjetividade do pai, além de insinuar a disfunção ocasionada pelo não reconhecimento das instâncias mediadoras, ou seja, pela falta de consciência a respeito daquilo que prende à realidade e a negação da paternidade pelo pai é mais uma forma dessa (vontade de) inconsciência do elo.

Voltando aos pares, o que é interessante é a sua conversibilidade, ou seja, o fato de podermos sempre vislumbrar um polo quando o outro aparece: quando o pai censura a filha (moralizador), manifesta a repressão no outro do desejo que está em si (devasso); quando a filha é reprimida, é simultaneamente filha e mulher – e o mesmo pode ser pensado para outros pares.

Essa conversibilidade revela identidade, portanto, valendo, nos casos mencionados, o moralismo por devassidão, e a filiação pelo matrimônio, o que faz saltar aos olhos um fundo latente viciado, em que a projeção ortogonal as sombras das formas aparentes revelam dispositivos de dominação, sempre favorecendo a figura paterna, o dominador, em que pese a posição de dominado que a saúde lhe impõe. Notamos, por isso, uma narrativa em que há uma representação crua da violência doméstica, levantando questões sobre justiça, ética e a complexidade das relações humanas em situações extremas. Através desta narrativa, Trevisan traz à tona a realidade amarga da violência contra a mulher na sociedade. A abordagem da violência doméstica, especialmente contra mulheres, é um fenômeno social complexo e relevante. Trevisan não apenas retrata um agressor comum, muitas vezes caracterizado por ser alcoólatra e agredir sua esposa independentemente da presença dos filhos, mas também enfatiza a reação da personagem vítima em um momento crucial da história.

Antes de se finar, que o perdoasse e lhe desse um beijo na testa. Falava de olhos fechados, as pálpebras trêmulas. Assim que ela baixou a cabeça, agarrou-a de súbito e beijou-a perdidamente na boca. Foi pior do que a ferida do cigarro. Correu ao banheiro, lavou a boca e escovou os dentes até sangrar a gengiva (Trevisan, 1965, p. 22).

Essa mudança na dinâmica, em que a vítima assume uma postura mais ativa, reflete uma evolução na compreensão social dessa forma de violência. A interpretação busca compreender como o conto aborda essa complexidade, levando em consideração não apenas a ação do agressor e da vítima, mas também os dilemas morais e legais que surgem nesse contexto. Destaca-se a importância de analisar o impacto psicológico e emocional na vítima, bem como os riscos associados ao uso da legítima defesa e possíveis consequências do excesso nesse contexto específico.

O *Atlas da Violência 2024* categoriza dez tipos distintos de violência, incluindo violência física, psicológica, tráfico humano, trabalho infantil, tortura, violência sexual, violência financeira, negligência ou abandono, e intervenção legal. Cada uma dessas categorias traz à tona aspectos preocupantes da convivência social. Por exemplo, a violência física refere-se a atos que utilizam força intencional para causar dano ou sofrimento, enquanto a violência psicológica/moral abrange ações que envolvem rejeição, discriminação e punições humilhantes. A violência sexual, por sua vez, é definida como qualquer ação que envolve coerção ou manipulação para forçar outra pessoa a agir contra sua vontade. A negligência ou abandono ocorre quando não são atendidas as necessidades básicas para o desenvolvimento da vítima (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2024).

No conto “O Morto na Sala”, do livro *Novelas Nada Exemplares*, de Dalton Trevisan, essas diferentes manifestações de violência se fazem presentes, revelando um ambiente doméstico permeado por abusos e opressão. A violência doméstica e familiar é particularmente evidente. A descrição de palitos quebrados espalhados pela casa sugere um ambiente de negligência e desrespeito, refletindo a desconsideração pelas necessidades básicas dos moradores. Além disso, a personagem Ivete é obrigada a deixar seus sapatos brilhantes, mas eles retornam imundos, simbolizando uma expectativa insaciável e uma falta de valorização de seu esforço e dignidade. Essa dinâmica evidencia como as formas de violência se entrelaçam na vida cotidiana, criando um retrato sombrio das relações familiares.

A rotina doméstica também reflete desigualdade, com o pai relaxando ou lendo o jornal enquanto a mãe lida com as tarefas. A violência psicológica é igualmente evidente. O ambiente é caracterizado por uma vigilância constante e imposições rigorosas sobre Ivete, incluindo a necessidade de cobrir suas pernas e as acusações de múltiplos amantes. Esses elementos contribuem para um ambiente carregado de medo e controle emocional.

A violência física/tortura aparece em momentos mais explícitos. Um exemplo é a cena em que Ivete tem o braço queimado com brasa e é ameaçada com mais violência se gritar. A tortura é intensificada pela descrição de como ele erguia lentamente a manga dela enquanto a menina mordida o lábio com força, resistindo silenciosamente à dor. A violência financeira é retratada de maneira mais sutil. A cena em que a mãe cuida das tarefas domésticas enquanto o pai se distrai lendo o jornal sugere uma desigualdade nas responsabilidades e uma exploração da mãe no contexto doméstico.

No ambiente da sociedade contemporânea, onde as relações humanas são frequentemente atravessadas por conflitos e sentimentos de estranhamento, essas tensões favorecem o surgimento de comportamentos violentos e atitudes vingativas. Michaud (2001, p. 81-82) alerta que a violência pode emergir de maneira inesperada e que, dependendo das circunstâncias, qualquer indivíduo pode se tornar autor de atos extremos: “Ninguém sabe realmente de que pode tornar-se capaz em matéria de violência [...] e se as circunstâncias ajudarem, cada um de nós pode tornar-se um carrasco”.

Por fim, a violência sexual se manifesta em momentos em que o personagem masculino observa as pernas de Ivete e força um beijo nela em um estado de fraqueza. Esses atos representam uma violação da privacidade e uma falta de respeito pela autonomia sexual de Ivete. O conto de Trevisan oferece uma visão crítica das dinâmicas de poder e opressão nas relações familiares e sociais, revelando como diferentes formas de violência se entrelaçam e afetam profundamente os personagens envolvidos.

A Lei Maria da Penha, instituída pela Lei nº 11.340/2006, classifica a violência doméstica e familiar contra a mulher em cinco categorias: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial (Brasil, 2006, art. 7º). Essa classificação é fundamental para a compreensão das diversas formas de abuso que podem ocorrer no ambiente doméstico e de intimidade, como evidencia o conto *O Morto na Sala*. Na narrativa, tais violências se entrelaçam e se manifestam em níveis distintos, desde a violência física e psicológica até a sexual, revelando a profundidade do sofrimento da personagem Ivete. A leitura do conto, quando associada à categorização legal, permite identificar como essas práticas abusivas não apenas destroem vínculos afetivos e identidades individuais, mas também reforçam estruturas de poder e dominação. A categorização da Lei Maria da Penha é essencial não apenas como instrumento jurídico de proteção, mas como lente analítica para interpretar criticamente produções literárias que denunciam o ciclo da violência de gênero.

Além da violência moral, outras categorias previstas na Lei Maria da Penha também estão presentes na trama, revelando a complexidade do abuso sofrido por Ivete. A violência psicológica se manifesta nas constantes humilhações, no controle e na intimidação que marcam o relacionamento familiar, corroendo a saúde emocional da jovem. Já a violência física aparece em gestos cruéis e ameaçadores, como a queimação do braço, que evidenciam a brutalidade do agressor. Essas múltiplas formas de violência não agem isoladamente, mas se combinam, reforçando o ciclo de opressão e sofrimento vivido pela personagem.

Essa leitura crítica, fundamentada na legislação, permite uma análise mais aprofundada da narrativa, na qual cada tipo de violência descrito na lei encontra eco nas vivências da personagem. Dentre essas formas de agressão, a violência moral se destaca de maneira contundente na história, evidenciando o processo de humilhação e destruição da autoestima que Ivete sofre ao longo do conto.

Além disso, Trevisan aborda a violência psicológica através de cenas como “...a espionar os amores de Ivete” (Trevisan, 1965, p. 27) e “A mãe, entre os dois, comia de olhos baixos” (Trevisan, 2004, p. 29), que indicam a atmosfera de controle e humilhação presente no lar. “Vá cobrir essas pernas. Ainda se fossem bonitas!” (Trevisan, 1965, p. 30) é mais uma evidência do desdém dirigido à protagonista,

evidenciando a opressão emocional que ela sofre. A descrição da personagem como “prisioneiras do hóspede” (Trevisan, 1965, p. 31) reforça a ideia de um ambiente hostil e controlado, onde Ivete e sua mãe estão à mercê do abusador.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a violência em diferentes categorias, abrangendo aspectos que vão desde a autolesão até a violência interpessoal e coletiva. A violência interpessoal é dividida em violência doméstica e comunitária, refletindo as relações de poder e controle que se estabelecem em contextos familiares e sociais. A OMS destaca que essa forma de violência pode ser devastadora, afetando não apenas a saúde física e mental das vítimas, mas também perpetuando ciclos de abuso e opressão em diversas comunidades (OMS, 2021).

No conto analisado, há diversas formas de violência que se manifestam de maneira marcante, especialmente a violência interpessoal. A violência moral: “Ivete deixava-os brilhantes, sem que ele se desse por satisfeito, e reapareciam imundos os sapatos não usados” (Trevisan, 1965, p. 24). Além disso, a humilhação verbal que Ivete enfrenta é clara na pergunta: “– Quem é teu pai? Entre os amantes de tua mãe quem foi teu pai? Confesse o nome dele. Venha cá, sua safadinha!” (Trevisan, 1965, p. 24). A submissão da mãe “A mãe, entre os dois, comia de olhos baixos” (Trevisan, 1965, p. 24), o que indica um ambiente de opressão e falta de poder sobre suas próprias vidas.

A violência psicológica também se revela na condição de aprisionamento emocional: “Ela e a mãe prisioneiras do hóspede” (Trevisan, 1965, p. 24), sugerindo uma dinâmica de controle que as impede de escapar de uma situação abusiva. A violência física é ilustrada em cenas impactantes, como quando “Com a brasa queimou o braço de Ivete. – Não grite, sua safadinha. Senão te mato!” (Trevisan, 1965, p. 24). Essa brutalidade é acompanhada pela descrição de Ivete, que “sem gritar, mordida o lábio com toda a força” (Trevisan, 1965, p. 24), um ato que simboliza sua dor e resistência silenciosa.

Essas passagens revelam não apenas a presença de violência em sua forma mais crua, mas também a complexidade das relações interpessoais que sustentam tais dinâmicas abusivas. A obra de Trevisan, portanto, espelha as definições e categorias propostas pela OMS, trazendo à tona a urgência de discutir e enfrentar esses problemas na sociedade contemporânea. Esta violência, que muitas vezes se manifesta de forma brutal nas ruas, tem suas raízes nas disfunções familiares. O ambiente destrutivo das relações familiares reflete uma enfermidade que permeia não apenas os indivíduos, mas toda a estrutura social. Essa disfunção alimenta um ciclo vicioso de violência e desordem, que perpetua a destruição do coletivo.

## CONCLUSÃO

A literatura é um reflexo da sociedade e frequentemente aborda temas complexos e desafiadores, como a violência. No Brasil, um país com um histórico marcado por desigualdade e opressão, a representação da violência na literatura não é apenas uma questão estética, mas uma necessidade de reflexão crítica. As obras de Dalton Trevisan, um dos principais contistas brasileiros, oferecem um campo fértil para explorar essa intersecção. Sua escrita provoca uma análise profunda da condição humana e das relações

sociais, revelando a hipocrisia e a brutalidade que permeiam a vida cotidiana. Através de suas narrativas, Trevisan convida o leitor a uma reflexão não apenas sobre os personagens e suas ações, mas sobre a própria natureza da violência, suas causas e consequências.

Dalton Trevisan é conhecido por sua abordagem direta e incisiva. Seus contos não se limitam a retratar a violência física, mas exploram também a violência psicológica e emocional que permeia as relações humanas. Ao optar por narrativas que frequentemente se desenvolvem em ambientes familiares e cotidianos, Trevisan revela uma faceta da violência que muitas vezes é ignorada ou minimizada.

Em um país onde a violência é muitas vezes associada a eventos extremos, como assassinatos ou assaltos, Trevisan nos lembra que a violência está presente em nosso cotidiano, nas palavras não ditas, nos olhares de desprezo e nas manipulações sutis que ocorrem nas relações pessoais. Sua escrita provoca inquietação no leitor, desafiando-o a confrontar verdades desconfortáveis sobre a vida social brasileira. A violência é apresentada não apenas como um ato isolado, mas como parte de um complexo tecido social que envolve valores, normas e expectativas culturais. Dessa forma, Trevisan denuncia a hipocrisia que muitas vezes encobre a violência nas relações afetivas, especialmente no que diz respeito à violência doméstica e de gênero.

A abordagem de Trevisan pode ser enriquecida por uma perspectiva interdisciplinar, que permite uma análise mais contextualizada de suas obras. A intersecção entre literatura e outras áreas do conhecimento, como sociologia, psicologia e estudos de gênero, enriquece a compreensão dos temas abordados. A violência não é vista apenas como um fenômeno isolado, mas como um processo social que se perpetua por meio de práticas e discursos. A literatura, então, torna-se um espaço de resistência e crítica, onde a representação da violência pode instigar a reflexão e promover a conscientização. Por meio das histórias de Trevisan, somos levados a questionar as estruturas que sustentam a violência em suas diversas formas, desafiando as narrativas dominantes que frequentemente buscam silenciar essas discussões.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Da violência*. Tradução de Maria Claudia Drummond Trindade. Brasília: UNB, 1985.

ARAÚJO, Rodrigo. *Depoimento e apropriação: artifícios narrativos e crítica ao contexto social em Pão e sangue de Dalton Trevisan*. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Historia/artigos/araujo\\_rodrigo\\_artigo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/araujo_rodrigo_artigo.pdf).

BRASIL. *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 29 out. 2024.

CESTILLE, Mariana. *A representação ficcional da violência sexual infantil na obra de Dalton Trevisan: 1959 a 2014*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Curitiba, 2023. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/30851/1/representacaoficcionalviolenciasexual.pdf>.

ESTEVES, Camila Del Tregio. *“Nada a dizer fora dos livros”: a poética do conto em Dalton Trevisan*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de

Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade, 2015. Disponível: [https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UEPG\\_03d1da16db61c098e1e4993592ba28a1](https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UEPG_03d1da16db61c098e1e4993592ba28a1).

GINZBURG, Jaime. *A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil*. Letras: revista do Curso de Mestrado em Letras da UFSM (RS), Santa Maria, n. 18/19, jan./dez. 1999.

IPEA. *Atlas da Violência 2024: Análise da Violência no Brasil*. Brasília: IPEA, 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/7868-atlas-violencia-2024-v11>. Acesso em: 29 out. 2024.

MARCHI, Amabile L. *Linguagem e sexualidade em A polaquinha, de Dalton Trevisan: um olhar da psicanálise*. 2014. 46 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Letras Português/Inglês - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

MATIAS, Estelita Sandra de. *As representações do contista paranaense Dalton Trevisan da cidade de Curitiba, construída ideologicamente como cidade modelo, a partir da análise de alguns contos escritos entre 1959 e 2010*. 2013. 69f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Departamento de Comunicação e Expressão – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

MICHAUD, Yves. *A violência*. Tradução de L. Garcia. São Paulo: Ática, 2001.

MUGGIATI, Roberto. *Memória – Cidade de Dalton*. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Memoria-Cidade-de-Dalton>.

NETO, Miguel Sanches. *O resgate de Joaquim*. Folha de São Paulo, 2001. Disponível em: Acesso em: 03 de abr. de 2023.

OLIVEIRA, Enio Alves de. *O Imaginário e a Representação de Curitiba na obra de Dalton Trevisan*. 2011, 201 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2010.

OLIVEIRA, Joaquim Adelino Dantas de. *O império do desentendimento humano: representações da realidade em textos de Dalton Trevisan*. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

ROSALINO, Roseli Bodnar. *Dalton Trevisan e o projeto estético minimalista*. 2002. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

ROSA, Sergio Martins Conceição. *Aspectos literários e sociais nas 'Novelas nada exemplares' de Dalton Trevisan*. 2024. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

SANCHES NETO, Miguel. *Biblioteca Trevisan*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 1996.

SOUSA, Geraldo Majella de. *Repetição, crueldade e trauma: reflexos dos confrontos suburbanos na narrativa de Dalton Trevisan*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-7XRG6X>.

TREVISAN, Dalton. *Ah, é?* Rio de Janeiro: Editora Record, 1994.

\_\_\_\_\_. *A Faca no Coração*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1979.

\_\_\_\_\_. *A guerra conjugal*. 2. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

\_\_\_\_\_. *A Polaquinha*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Trombeta do Anjo Vingador*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

\_\_\_\_\_. *Cemitério de Elefantes*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

\_\_\_\_\_. *Duzentos ladrões*. Porto Alegre: L & PM, 2008.

\_\_\_\_\_. *234*. Rio de Janeiro: Record, 1997a.

- \_\_\_\_\_. *Em Busca de Curitiba Perdida*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Novelas Nada Exemplares*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- \_\_\_\_\_. *111 Ais*. Porto Alegre: L & PM Pocket, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O rei da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- \_\_\_\_\_. *O Vampiro de Curitiba*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Quem tem Medo de Vampiro?* São Paulo: Editora Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. *35 Noites de Paixão*. Rio de Janeiro: Best Bolso: 2009.
- \_\_\_\_\_. *Pão e sangue*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Violetas e Pavões*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Virgem Louca, loucos Beijos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Vozes do Retrato*. São Paulo: Editora Ática,
- WALDMAN, Berta. *Do vampiro ao cafajeste: Uma leitura da obra de Dalton Trevisan*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; UNICAMP, 1982
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a obra de Dalton Trevisan*. Org. de Hélio de Seixas Guimarães. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.